

DISCURSO DE AGRADECIMENTO DE MANTOVANNI COLARES PELO RECEBIMENTO DA MEDALHA PAULO BONAVIDES, OUTORGADA PELA PROCURADORIA-GERAL DO ESTADO DO CEARÁ, EM 25 DE OUTUBRO DE 2016.

Os olhos do infante Dom Henrique certamente brilharam ante o espetáculo de tantas caravelas lançadas ao mar, rumo à ousada tentativa de ultrapassar o Cabo Bojador; e não seria exagero concluir que seus pensamentos o teriam levado naquele instante a reavivar a história tantas vezes a ele narrada, de um rei que se pôs a sonhar e a agir para que finalmente ocorresse aquela cena à sua frente, entre cores azuis das agitadas águas e as brancas espumas dos sulcos formados pelas naus. Concretizava-se ali, em 1421, o ousado gesto iniciado há quase dois séculos antes daquele espetáculo, a ser conhecido muito, muito mais tarde, como a era dos descobrimentos.

Um dia, como tantos outros do século XIII, estava o rei Dom Dinis a passear numa tarde na cidade do Porto quando, de súbito, avistou uma dezena de barcos atravessando o rio. De onde são esses barcos? Indagou a um de seus auxiliares, que de pronto respondeu: De Liverpool, de Marselha... E não há portugueses? Não. Porque? Porque em Portugal não há táboa para barco. No dia seguinte, Dom Dinis convocou os nobres, e foi plantar pinho em terras portuguesas, e consta que ele plantou com as próprias mãos e com as mãos da Rainha Isabel alguns dos pinhais de Leiria onde, tempos depois, se tiraram as táboas para as caravelas portuguesas. E Dom Dinis mandou plantar cânhamos, para tecer as velas dos barcos, porque em Portugal se tinha apenas lã, e a lã não se prestava para as velas. E Dom Dinis mandou fundir ferro, das minas de Trás-os-Montes, para fazer pregos e tarrachas. E foi graças ao sonho e às atitudes desse que ficaria conhecido como “O Rei Poeta”, que as esquadras portuguesas inventaram o mundo que hoje conhecemos.

Em sombras formadas por esses mesmos pinhais de Leiria, agora no século XVIII, Joaquim Alves buscava o conforto ameno após o dia exposto ao sol arando a terra. Ele jamais ouviu falar de Dom Dinis, e muito menos do infante Dom Henrique, nem tinha noção de que muitas das árvores próximas à freguesia de Gândara dos Olivais, seu local de nascimento, serviram para fazer caravelas; as mãos calejadas se ocupavam da terra e isso lhe bastava, e o frescor da bendita sombra o conduzia a sonhar com um futuro melhor para o filho José Alves, que se tornaria empregado público, e este estendia tal desejo ao filho Manoel Alves, que acabou cumprindo o fado do espírito português de atravessar os mares, porque ele singrou o atlântico e chegou cá no Brasil, nesta ponta de nordeste chamada Fortaleza, com sua mulher Rosa Amélia, cuja filha, Maria José Alves, se transformaria na Vovó Zezé, a matriarca da família Colares dali em diante.

Se não houvera o sonho de Dom Dinis, não teríamos *Os Lusíadas*, tesouro único para nossa língua porque, nesse poema épico, Camões utilizou todas as variáveis semânticas e de figuras de linguagem, a condensar em seu texto uma espécie de gramática perpétua do português.

Se não houvera o sonho de Dom Dinis, não teríamos *Mensagem*, com os versos até hoje comoventes talhados por Fernando Pessoa a indagar ao mar salgado: “(...) quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal! / Por te cruzarmos, quantas mães choraram, / Quantos filhos em vão rezaram! / Quantas noivas ficaram por casar / Para que fosses nosso, ó mar!”; e seu arremate de que tudo vale a pena se a alma não é pequena.

Se não houvera o sonho de Dom Dinis, não teríamos *Invenção do Mar*, do cearense Gerardo Mello Mourão – aquele a quem Drummond certa feita chamou de o maior poeta do Brasil – e o instigante cantar da importância dos pinhais para a feitura das caravelas: “Ai flores do verde pinho / ai pinhos da verde rama/ (...) / ai ramos de Leiria / ai flor dos linhos do Alentejo”.

Quanta coisa surgiu de um sonho!

Se não houvera o sonho de Dom Dinis, não teríamos as caravelas, os portugueses não inventariam o mar, as terras de Leiria não se encheriam de pinhais, e não existiriam as sombras aptas a abrigar Joaquim Alves, que certamente não sonharia com o futuro do filho José Alves, e muito menos Manoel Alves teria atravessado o atlântico, e por consequência a sua filha e minha avó Zezé não implantaria a família Colares, e Dona Madalena, filha dela, não teria me gerado, e não é preciso dizer que, por óbvio, este marcante dia de hoje não ocorreria; jamais.

Sonhos e gestos, eis o amálgama da vida, e não foi à toa que Shakespeare nos alertou para o fato de que somos da mesma matéria da qual são feitos os sonhos. E nesses sonhos e gestos, centenas, milhares e por vezes milhões de fatos e destinos se entrecruzam, a formar a magnífica memória coletiva e o patrimônio infinito da humanidade chamado de história.

E três relevantes e quase inacreditáveis fatores – de tão honrosos – me fazem crer nessa trajetória dos sonhos como sementes, a merecer a colheita da alegria. O primeiro, o de estar aqui pela generosidade de uma categoria a qual aprendi a respeitar e admirar, porque com ela me enriqueço diariamente, pela grandeza dos profissionais que a integram e a inteligência dos trabalhos que me chegam às mãos como magistrado: a Procuradoria-Geral do Estado do Ceará.

O segundo fator relevante, por saber que essa distinção foi outorgada em pretéritos momentos a quatro personalidades cujos nomes são bastantes para adjetivar a substância da insígnia: Valmir Pontes Filho, Raimundo Bezerra Falcão, Hugo de Brito Machado e Raul Araújo Filho. E o terceiro – e propositadamente derradeiro fator, por ser o mais significativo –, o nome que dá vida à condecoração: Paulo Bonavides, cujo pioneirismo e coragem na defesa de um modo de pensar o Direito Constitucional, plasmado nos valores da liberdade e da democracia, já o inscreveu na história das gerações do porvir.

Agradeço, pois, por este dia, aos Procuradores do Estado do Ceará, e me permitam fazê-lo na pessoa do meu professor de ontem e de sempre César Barros Leal, exemplo de profissional e de ser humano. Agradeço ao sonhador Dom Dinis e tudo que ele transformou graças ao seu rasgo de genialidade. Agradeço aos Alves, antepassados meus lusitanos, e todo os Colares que dali surgiram e que hoje formam a nossa fortaleza familiar. Os Colares de outrora, na pessoa da mais que generosa Vovó Zezé, convertida na atualidade em doce lembrança; os Colares contemporâneos, a mãe guerreira Madalena, o irmão solidário Giovanni, os tios e os primos; e os Colares de amanhã, notadamente os que já trilham as veredas do Direito, os sobrinhos Thiago e Michele. Agradeço à madrinha Stella Pita e Santiago, a “Mamainha”, já não mais presente, cuja luz sempre me iluminou e há de me acompanhar até meu derradeiro suspiro.

Compartilho a honraria com quem na verdade nada posso compartilhar, a minha Márcia, porque a ela pertence muito mais do que o meu indivisível ser; ela é o sonho que se mostrou realidade, e com ela só multiplico a felicidade por nossos amados filhos Stella e Mantovanni Filho.

Encerro. Voltemos aos sonhos, ao Rei Poeta Dom Dinis e sua obstinação por fazer dos pinhais de Leiria o passaporte para a descoberta dos novos mundos. É preciso sonhar, e ao mesmo tempo ter a coragem de olhar para o futuro; é fundamental dar a nossa contribuição aos destinos dos muitos que virão.

Às vésperas de completar trinta anos como professor do magistério superior, ao que tudo indica – e essa medalha bem pode ser doravante a testemunha reluzente disso – agi por bem ao plantar os pinhais do estudo, cerzir os cânhamos do entusiasmo, fundir os ferros vertidos em tarrachas da honestidade e do labor, para que hoje possa me aventurar nesta caravela chamada vida, em busca dos mares do bom e correto destino.